

# O PAPEL DA ESCOLA EM TEMPO DE FAKE NEWS: POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO MUDIÁTICA CRÍTICA

Data de submissão: 05/03/2024

Data de aceite: 02/05/2024

**Raphaella Abreu Carvalho Cortez  
Moreira**

Doutoranda em Multimédia em Educação,  
Departamento de Educação e Psicologia,  
Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal  
<https://orcid.org/0009-0007-4402-349X>

**RESUMO:** Este trabalho é fruto das discussões produzidas no âmbito da Unidade Curricular Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro. Configura-se como um estudo de revisão de literatura, que tem como objetivo precípuo uma reflexão sobre o papel da escola diante da disseminação das *fakes news* em contextos midiáticos/tecnológicos da sociedade contemporânea. O presente estudo objetiva, ainda, discutir a necessidade de adoção de uma educação midiática crítica no uso das tecnologias digitais na escola como mecanismo de enfrentamento ao fenômeno das *fake news*. Nesse sentido, o enfoque do estudo pauta-se em torno da possibilidade da educação midiática crítica como mecanismo de combate às *fake news* e da desinformação que vivenciam os alunos na sociedade atual. A escola, como instituição social formadora,

deve possibilitar a integração da educação midiática crítica, que envolve diversas competências, tais como as de pensamento crítico, para que os alunos se apropriem, interpretem e analisem criticamente o conteúdo produzido nas mídias.

**PALAVRAS-CHAVE:** escola, educação midiática crítica, *fake news*, pensamento crítico.

## THE ROLE OF SCHOOL IN A TIME OF FAKE NEWS: POSSIBILITIES OF CRITICAL MEDIA EDUCATION

**ABSTRACT:** This work is the result of discussions produced within the Education and Contemporary Curricular Unit of the Department of Education and Psychology of the University of Aveiro. It is configured as a literature review study, which has as its main objective a reflection on the role of the school in the face of the dissemination of fake news in media/technological contexts of contemporary society. The present study also aims to discuss the need to adopt critical media education in the use of digital technologies in schools as a mechanism to combat the phenomenon of fake news. In this sense, the focus of the study is based on the possibility of critical media education

as a mechanism to combat fake news and misinformation that students experience in today's society. The school, as a social training institution, must enable the integration of critical media education, which involves several skills, such as critical thinking, so that students can appropriately, interpret and critically analyze the content produced in the media.

**KEYWORDS:** school, critical media education, fake news, critical thinking.

## INTRODUÇÃO

O presente ensaio teórico é resultado dos estudos realizados no âmbito da Unidade Curricular Educação e Contemporaneidade promovida pelo Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro e apresenta como tema “O papel da escola em tempos de *fake news*: possibilidades da educação midiática crítica”. Esta temática insere-se no eixo temático 2: “Educação, Formação e Desenvolvimento”, articulando-se com as discussões sobre Educação, Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e desafios da sociedade do conhecimento e, em específico, com os conteúdos sobre *fake news*, tecnologias digitais e educação, proferidos na unidade curricular.

O interesse por esta temática justifica-se pela crescente disseminação de *fake news* na sociedade contemporânea e dos seus impactos na vida cotidiana das pessoas, que vem ganhando dimensões e repercussões cada vez maiores, principalmente, após o desenvolvimento e expansão das tecnologias digitais e da internet (Silva, 2021). Como destaca o autor citado, com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação há cada vez mais uma crescente da “desinformação” e discursos de “pós-verdade” que afetam diversos aspectos da vida das pessoas, como a exemplo, os processos de eleição governamental, vacinas, entre outros.

De acordo com Wardle (2019), o cenário nebuloso de propagação de informações e de “falsas notícias” que se vive, potencializado pela expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação e, no qual estas *fake news* se utilizam de fragmentos da realidade e da confiança implícita das relações sociais que o ser humano constitui, evidenciam a necessidade de se abordar no processo educativo, questões como *fake news* e o uso da tecnologia com vistas a trans(formar) esses usos das tecnologias em uma perspectiva crítica. A escola, enquanto instituição social e formadora de cidadãos deve, pois, lidar com a problemática crescente das *fake news*, que permeia a mídia, as relações sociais e a educação escolar (Silva, 2021; Silva & Carvalho, 2020).

Assim, na sociedade contemporânea, em que uma *fake news* tem o poder de disseminação em uma velocidade exponencial e de acarretar possíveis impactos e implicações na sociedade, urge a necessidade e relevância de discussão acerca do papel da escola no enfrentamento desta disseminação e, conseqüente, de promover a formação de cidadãos críticos e reflexivos para atuar na sociedade que vive.

Torna-se, pois, fundamental a escola operar na direção do enfrentamento da disseminação de *fake news*, a partir de uma perspectiva de educação crítica do uso das

tecnologias, que pressupõe pensar uma interpretação crítica da tecnologia e dos novos valores que reestruturam o funcionamento das relações e das atividades humanas na contemporaneidade (Silva et al., 2023).

Nessa perspectiva, Silva et al. (2023) apontam que os professores ao fazer um uso crítico das tecnologias digitais na sala de aula proporcionam estratégias/mecanismos de combate ao processo de desinformação e criar uma rede de proteção contra a proliferação de notícias falsas. É, pois, de significativa relevância o papel da escola na promoção de uma educação/abordagem crítica dos limites e possibilidades das tecnologias como resultado de processos históricos complexos, uma atividade da qual todos estão envolvidos e podem participar (Xavier, 2023).

Diante disso, este ensaio teórico objetiva refletir sobre o papel da escola em tempos de *fake news* e destacar a importância da adoção de uma educação (midiática) crítica para uso das tecnologias digitais na educação como forma de enfrentamento da desinformação, obscurantismo e pós-verdade veiculadas pelas *fake news*.

## O FENÔMENO DAS *FAKE NEWS*: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO CONCEITUAL

A artimanha de falsear uma notícia ou conteúdo não é novo. Desde a Roma Antiga existe registro do emprego da expressão “notícia falsa” como forma de veicular informações falsas para confundir, ludibriar e até manchar a reputação de um indivíduo perante a sociedade (Posetti & Matthews, 2018).

Com o advento da internet e expansão das TIC e das redes sociais no século XXI, percebe-se uma crescente exponencial na disseminação de *fake news* e a consagração desse termo. Conforme Cunha et al. (2018), o termo *fake news* foi consagrado na sociedade contemporânea a partir das eleições presidenciais dos Estados Unidos da América, em 2016, que se evidenciou um crescimento de pesquisas em motores de busca acerca do termo *fake news*:

Embora o conceito de artigos de notícias destinados a enganar os leitores não seja de modo algum novo, parece existir uma relação entre a própria expressão “notícias falsas” com a eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos da América: Davies, usando dados do NOW Corpus, mostra que “quase não há menção de ‘notícias falsas’ até a primeira semana de novembro [2016] (...) e depois explode de 11 a 20 de novembro, e ficou muito alto desde então”. O autor acrescenta que a razão “por que as pessoas de repente começaram a falar sobre algo que realmente não tinha sido mencionado muito até aquele momento” foi “as eleições dos EUA, que aconteceram em 9 de novembro de 2016. (p.2)

Para Nascimento (2020), o termo *fake news* foi consagrado como vocábulo no dicionário britânico Collins no ano de 2017, devido ao expressivo aumento do uso do termo definido como “notícias falsas de teor sensacionalista sob o disfarce de reportagem” (p. 251). Esse teor sensacionalista das notícias pode vir a polarizar o discurso e modificar a opinião pública (Zhao et al., 2018).

A partir dessa conceptualização, depreende-se que o surgimento, a criação e o espalhamento de “*fake news*” surge, por vezes, da falta de notícias autênticas, informações sem confirmação e verificação, que circulam rapidamente no ambiente *online*. Diante da rápida circulação de informações falsas e dos impactos negativos que podem gerar, considera-se que o principal desafio a ser enfrentado é bloquear essas notícias logo no seu começo. Um desafio duplo, visto que sites que propagam “*fake news*” tendem a ter curta duração, sendo complicado resgatar a sua origem, ficando apenas uma notícia circulando em outros ambientes (Zhao et al., 2018).

Assim sendo, deve-se compreender o termo *fake news* conforme se manifesta na ação social e não como uma tradução simplória e limitada do significado do termo do inglês para o português, o qual seja: “notícia falsa” (Xavier, 2023). O vocábulo *fake news* é amplamente empregado em referência à manipulação da informação de forma intencional. Como afirma a Organização das Nações Unidas para a Educação (Unesco, 2019), deve-se evitar a compreensão do termo *fake news* como simples significado direto de “notícias falsas”, pois:

Isso ocorre porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão ‘notícias falsas’ é um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais. Para entender melhor os casos que envolvem manipulação exploratória do idioma e convenções de gêneros de notícia, esta publicação trata esses atos de fraude pelo que são – como uma categoria particular de informação falsa em formas cada vez mais diversas de desinformação, inclusive em formatos de entretenimento como memes visuais. (p.7)

Dessa forma, a partir do que considera a Unesco (2019), pode-se considerar definir *fake news* como um tipo de desinformação. Ou ainda, pode-se falar em “desordem informacional” que consiste em “atividades e processos relacionados com a criação, partilha e consumo da informação distorcida, tendenciosa ou completamente falsa” (Araújo e Sá et al., 2023, p.9).

Conforme o oitavo relatório da *House of Commons Digital, Culture, Media and Sport Committee*, realizado de 2017 a 2019, o termo desinformação refere-se a “criação deliberada e o compartilhamento de informações falsas ou manipuladas que são destinadas a enganar e induzir o público ao erro, seja para causar danos, ganhos políticos, pessoais ou financeiros” (House of Commons Digital, 2019, p.7). Por isso existem outros termos (e tantos outros surgindo) para definir as notícias falsas feitas e compartilhadas na internet e por meio dos media.

Para descrever a complexidade do fenômeno da desinformação ou “desordem informacional”, Wardle & Derakhshan (2017), sublinham que há tempos os media divulgam histórias enganosas no mundo, contudo, com a intensidade e a complexidade com que as informações são propagadas no cenário digitalmente conectado vem alterando

drasticamente a forma como essas informações/notícias falsas circulam, tornando-se um desafio sem precedentes. É nesse contexto que os autores apresentam a categoria conceitual da “desordem informacional” e atentam para a identificação de três tipos: “mis-information”, “dis-information” e “mal-information”.

De acordo com Wardle & Derakhshan (2017), a “mis-information” é a informação falsa compartilhada, mas que não tem como objetivo causar danos; já a “dis-information” é informação falsa compartilhada com vista a causar danos; e a “mal information” se constitui na informação verdadeira da esfera privada que é compartilhada na esfera pública para causar danos a uma pessoa, organização ou país.

Dessa forma, as *fake news* consiste em um tipo específico de desinformação que “destina-se a enganar as pessoas e o faz tentando parecer notícias reais”, como assevera (Tandoc, 2019, p.2), e que acabam por prejudicar a credibilidade e a legitimidade que o público associou, historicamente, linguagem, formato e sensação de notícias reais.

Não há uma definição amplamente acordada, mas, em sua essência, as *fake news* são histórias fabricadas, sem fatos, fontes ou verificáveis. Elas podem ser criadas para influenciar opiniões, motivos políticos ou para gerar confusão, e muitas vezes visam a lucratividade (Xavier, 2023).

Ao longo da história, o uso de fake news se tornou muito evidente em momentos de guerras, problemas sociais, eleições governamentais, pandemias e outros momentos sociopolítico e econômico que foram potencializados pela invenção da imprensa e, posteriormente, pela criação do rádio e televisão. Entretanto, nenhum desses mecanismos de comunicação e de veiculação de notícias foi tão expoente e com poder tão significativo de disseminação, como a expansão da internet e das redes sociais (Posetti & Matthews, 2018).

Vários são os motivos para o desencadeamento das *fake news*. A exemplo, destaca-se o motivo financeiro que, em busca de “cliques” se faz importante. Os motivos políticos que podem ser iguais ou mais poderosos do que o financeiro para se criar *fake news*. Ou seja, devido aos algoritmos, as mídias sociais, muitas vezes, são utilizadas para tornar as postagens mais atraentes e não confiáveis e visar a interação com pessoas mais próximas por meio de plataformas digitais (Shao et al., 2017).

Nessa perspectiva, denota-se que as *fake news* não se limitam ao campo do jornalismo e, sim, envolvem diversos campos de conhecimento e podem ser disseminadas através de vários suportes, como áudios, vídeos, fotos, compilação de dados, documentos oficiais, resultados de pesquisas, depoimentos de cientistas, de professores, de autoridades políticas ou do judiciário e, inclusive, por meio de testemunho de pessoas comuns. Como categoria de análise, abrange um campo conceitual vasto, a fim de que possa dar conta de compreender o fenômeno atual das *fake news*, que se vivencia na sociedade contemporânea, pois “[...] o campo das notícias falsas não é tão redondo quanto se costuma postular. Ele é diversificado e *fuzzi* (difuso)” (Santaella, 2019).

Com base na teorização conceitual sobre *fake news* percebe-se que esse termo está a ser popularizado com outras nomenclaturas para se definir “notícias falsas”, mostrando-se um campo muito fértil para a educação, em particular, e para a sociedade, em geral, uma vez que notícias falsas podem influenciar o pensamento de pessoas e envolver assuntos que interferem na formação (cidadã) do indivíduo.

## O PAPEL DA ESCOLA EM TEMPOS DE *FAKE NEWS*

No tópico anterior discutiu-se sobre a “desordem informacional” e mostrou-se que as *fakes news* não é um fenômeno novo. Contudo, o aumento expressivo do acesso e uso intenso das tecnologias digitais impulsionou a expansão desse fenômeno na sociedade contemporânea.

Ligadas ao ritmo expressivo e acelerado da internet na sociedade contemporânea, as *fake news* “apelam a sentimentos extremos, como o ódio e a indignação, criando, assim, um ambiente propício a suscitar respostas (emocionais) rápidas - que nem sempre são refletidas. Por conta destas características, podemos ser levados a partilhar FN inadvertidamente” (Araújo e Sá et al., 2023). Isso demonstra que as pessoas estão propensas a reagir de forma rápida, espontânea e impulsiva diante de fortes sensações e emoções que as *fake news* podem provocar. Conforme Araújo e Sá et al. (2023), percebe-se uma ausência de autorreflexão diante da impulsividade e do forte impacto e apelo emocional intenso que as *fakes news* geram nas pessoas.

A exemplo, quando uma publicação em uma rede social desencadeia emoções intensas ou extremas e repercute de forma rápida e negativa na sociedade, deve-se, primeiramente, verificar se as fontes são credíveis e analisar o conteúdo de forma minuciosa, crítica e reflexiva. E, se algo parecer provocar ódio ou parecer suspeito, é aconselhável buscar informações adicionais em outras fontes confiáveis (Araújo e Sá et al., 2023).

Araújo e Sá et al. (2023) discutem que, embora esses passos práticos pareçam simples de seguir, requerem um nível de autorreflexão, pois é necessário reconhecer que o conteúdo acessado está provocando emoções intensas. E, os jovens, devido ao seu estágio de desenvolvimento, podem ser particularmente vulneráveis e enfrentar dificuldades em controlar essas reações. Nesse contexto, a escola desempenha um papel crucial ao lidar com o desafio da “desordem informacional” e dos possíveis impactos emocionais que podem causar, oferecendo orientação e promovendo a conscientização sobre a importância da análise crítica e reflexiva diante do fluxo constante de informações veiculadas diariamente por meio das tecnologias digitais (Grossi et al., 2021).

Conforme destacado por Santaella (2019), esse cenário representa um desafio significativo para a educação e sublinha a necessidade de a escola se transformar em um espaço que promova a convivência e integração das tecnologias, enquanto combate de forma ativa dos efeitos danosos que elas podem acarretar, como a propagação da desinformação.

Sob esse aspecto, os estudos de Nascimento (2020) também indicam que o emprego equivocado das tecnologias digitais na produção de “informações falsas” se constitui um desafio para a educação e, a escola, como instituição social educativa deve constituir-se como um antídoto no combate aos efeitos prejudiciais das *fake news* e atuar no sentido de desenvolver o pensamento crítico dos alunos.

Combater *fake news* é também papel da escola, tendo em vista que é um *lócus* de formação e instrumentalização do saber e conhecimentos necessários a vida em sociedade. Por meio da educação, a escola tem o dever de instrumentalizar os alunos/agentes sociais com as ferramentas teóricas e práticas imprescindíveis para a luta social, proporcionando a oportunidade para que se apropriem de conhecimentos necessários para agir contra as notícias falsas (Xavier, 2023). De acordo com o autor, a escola deve propiciar que o aluno se aproprie da tecnologia que gerou a criação e divulgação das *fake news* de forma a desenvolver e melhorar diversas competências necessárias ao combate do discurso do ódio, do preconceito e tantos outros discursos que produzem efeitos maléficos na sociedade.

Como destaca Saviani (2011), a escola tem como papel social fundamental de formar cidadãos críticos e reflexivos para atuar na transformação da realidade que vive. É um *lócus* de produção e compartilhamento de saberes. Desta forma, a função social da escola é a de “propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber” (p.14). As atividades da escola devem organizar-se a partir dessa questão.

O conhecimento científico que é a base do ensino escolarizado. Apesar de outras instituições também efetuem a formação das novas gerações, é na escola pública que a maioria das crianças e jovens da classe trabalhadora tem contato com o conhecimento elaborado produzido historicamente. Desta forma, ao atuar em oposição às *fake news* lutar-se-á para que a escola cumpra sua função precípua: possibilitar ao aluno o domínio dos conhecimentos produzidos e sistematizados historicamente (Saviani, 2019).

Nessa perspectiva se impõe à escola buscar ações para que ocorra a apropriação dos conhecimentos científicos, pelos alunos das classes trabalhadoras como fim primordial do ensino escolar (Saviani, 2011, 2019). Pois entende-se que os alunos destituídos do domínio dos conhecimentos e saberes historicamente acumulados pela humanidade não conseguem obter elementos fundamentais para realizar uma reflexão crítica acerca da realidade em que vivem impossibilitando a sua transformação.

Lidar com *fake news* como objeto pedagógico e de transformação social, todavia, implica refletir para que tipo de sociedade, escola e educação se quer contribuir. A escola, ao trabalhar a *fake news* de forma pedagógica pode atuar na promoção de valores e princípios fundamentais para a formação crítica e cidadã do indivíduo e possível transformação da sociedade (Xavier, 2023). Araújo e Sá et al. (2023) destacam a complexidade e o caráter multimodal das *fake news* e acrescentam ainda que, para abordá-la na educação, se

faz necessário desenvolver e/ou aprimorar diversas literacias, tais como: literacia digital, midiática, visual, competência discursiva, intercultural, dentre outras.

Um indicativo de que a difusão das *fake news* é um problema para a educação, pode ser encontrado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil, aprovada em 2018, a qual prevê, no ensino da língua portuguesa do ensino fundamental anos finais e nos três anos do ensino médio, que a ação educativa deve habilitar os alunos a participarem das redes virtuais de forma a fazer frente ao discurso de ódio, à difusão das *fake news* e promover o respeito às diferenças (Xavier, 2023).

Dessa forma, como discute Xavier (2023), a escola assume um papel preponderante no uso das tecnologias digitais na educação, principalmente em tempos de *fake news*, pois, como instituição formativa, deve promover o uso crítico e reflexivo dessas tecnologias, a partir do desenvolvimento de diversas literacias e de capacidades de pensamento crítico para que os alunos possam avaliar e interpretar as informações encontradas *online*.

Assim, ao estudar sobre o fenômeno das *fake news* na educação, torna-se evidente o papel primordial da escola, como instituição social formadora, destacando sua relevância em adotar uma educação midiática crítica.

## **A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA CRÍTICA NO ENFRENTAMENTO DE *FAKE NEWS***

Face à cultura digital e ao contexto de propagação das *fake news* que os alunos estão imersos, a escola deve se constituir em um espaço promotor de literacias e competências para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, a fim de auxiliá-los a lidarem com as informações que o cercam (Xavier, 2023).

Nesse contexto, a educação midiática se constitui em um mecanismo de combate à desinformação, uma vez que a escola é um espaço onde se constrói a relação do conhecimento com a informação e se forma cidadãos (midiáticos) críticos para atuar na sociedade atual (Grossi et al., 2021).

A partir da concepção de Grossi et al. (2021), a educação midiática é entendida como uma expansão da alfabetização, que engloba várias competências como o desenvolvimento do questionamento e pensamento crítico sobre os conteúdos que se cria e recebe diariamente na sociedade e no mundo digital. Em uma análise mais minuciosa, Hobbs e Jensen (2013) pontuam que:

A educação midiática requer questionamento ativo e pensamento crítico a respeito das mensagens que criamos e recebemos; é uma conceituação expandida de alfabetização; desenvolve competências para aprendizes de todas as idades e requer uma prática integrada, interativa e repetida; seu propósito é desenvolver participantes informados, reflexivos e engajados, essenciais para uma sociedade democrática; as mídias são vistas como parte da cultura e funcionam como agentes de socialização; e as pessoas usam suas competências, crenças e experiências para produzir sentidos para as mensagens das mídias. (p.7)



Sob esse enfoque, é possível afirmar que o objetivo primordial da educação midiática consiste em fomentar o pensamento crítico, capacitando os alunos a compreender a essência da mídia e seus diferentes gêneros, para que, assim, possam analisar de modo apropriado a veracidade das mensagens/conteúdos que emitem, ponderando sobre o papel tanto de quem produz quanto de quem recebe a informação (Grossi et al., 2021). A educação midiática também pode ser concebida como um conjunto de competências e habilidades para que o indivíduo possa entender e empregar adequadamente os media, capacitando-o para (re) conhecer como as *fake news* são produzidas e divulgadas e, também, para se tornar um participante ativo na sociedade midiática (Hobbs & Jensen, 2013).

Ante o exposto, a educação midiática abrange o desenvolvimento de capacidades de pensamento crítico, de reflexão entre outras que auxiliam os alunos a encontrar o equilíbrio entre a confiança e as desconfianças nas fontes das notícias para questioná-las. Ou seja, trata-se de um desenvolvimento e aprimoramento do indivíduo para o uso adequado dos diferentes tipos de mídias, promovendo conhecimento necessário para acessar, interpretar, analisar e produzir conteúdo de forma consciente e crítica (Grossi et al., 2021).

A partir dessas conceituações, percebe-se a relação dialógica entre educação midiática e o desenvolvimento do pensamento crítico, uma vez que este é compreendido como um pensar racional, reflexivo, focado em que se deve acreditar ou no que fazer (Ennis, 1996, 2013). Essa forma de pensamento envolve as dimensões das capacidades (refere-se a responder a questões de clarificação, analisar argumentos, entre outros) e das disposições (refere-se a abertura de espírito, utilizar fontes credíveis e outros), que são dimensões fundamentais para tomada de decisão racional, sobre o que fazer e em que acreditar no contexto da resolução de um problema (Ennis, 1996; Vieira, 2018).

Com base na teoria sobre pensamento crítico de Ennis (1996, 2013) e de Vieira (2018) evidencia-se que o desenvolvimento dessa forma de pensar é fundamental para que o indivíduo possa tomar decisões e agir racionalmente perante os diversos problemas/desafios da sociedade contemporânea. E, no contexto midiático de disseminação das *fake news*, formar pessoas capazes de pensar criticamente, permite-se que eles analisem cuidadosamente as informações encontradas no mundo *online* antes de aceitá-las como verdadeiras, contribuindo assim para que não haja a disseminação de notícias falsas e prejudiciais (Oliveira, 2022).

O desenvolvimento do pensamento crítico é uma das competências fundamentais proposta pela abordagem midiática crítica como estratégia de combate às *fake news* (Grossi et al., 2021). Ao estimular o pensamento crítico dentro de um contexto midiático surge “a necessidade de indagação acerca da receptividade de notícias, ante seu grande volume e sua inserção em assuntos relacionados a meios sociais, socioculturais, políticos, entre outros” (Oliveira, 2022, p. 2)

Fechine e Deodato (2022) asseveram, também, que a educação midiática crítica na escola prepara os alunos para enfrentar problemas/desafios relacionados à desinformação, pois contribui para o desenvolvimento/aprimoramento do pensamento crítico e capacita-os para lidar com o vasto fluxo de informações e de *fake news* no mundo *online*. Assim, incorporar a educação midiática crítica na escola pode se constituir em um dos caminhos cruciais no enfrentamento das *fake news* na sociedade contemporânea.

## CONCLUSÃO

O presente estudo realizou uma análise teórica sobre o papel da escola em tempos de *fake news* e teve como objetivo refletir sobre o papel primordial dessa instituição e a relevância de adoção de uma educação midiática como mecanismo de enfrentamento das *fake news*.

A partir dos estudos apresentados, pode-se verificar que o fenômeno das *fake news* infelizmente não é recente, existindo registros históricos que a humanidade sempre foi capaz de deturpar ou inventar uma notícia para tentar alcançar determinado fim. Porém, com inserção e avanço da internet e dos meios de comunicação contemporâneos, permitiram que as “notícias falsas” alcançassem uma amplitude inimaginável, e em um curto espaço de tempo.

Sob essa perspectiva, denota-se que sendo elemento basilar da formação do indivíduo, a escola pode assumir um papel extremamente importante para o enfrentamento de *fake news* nos tempos atuais. A partir da implementação de uma educação midiática crítica, sob um enfoque do pensamento crítico, poderá proporcionar elementos essenciais para que o indivíduo possa analisar as informações com que é bombardeado constantemente pelos meios sociais e tecnologias digitais.

Ressalte-se que este é um estudo inicial, que poderá contribuir para futuras análises e investigações empíricas sobre *fake news*, o papel da escola e a educação midiática crítica, bem como proporcionar reflexões sobre as competências e literacias a serem desenvolvidas pelos indivíduos na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

Araújo e Sá, M. H. (coord. ), Gerwers, F. (coord. ), Gintsburg, S. (coord. ), Spotti, M. (coord. ), Ambrósio, S., Breeze, R., Brinkmann, L., Dedecek Gertz, H., De Ruiter, J. J., Garde, E., Gerns, P., Gonçalves, M., Lucas, M., Martins, F., McMonagle, S., Melo-Pfeifer, S., Oliveira, L. S., Senos, S., Simões, A. R., ... Torres, R. (2023). *CoMMITTEd: Covid, Migrantes e Minorias na formação de professores: um observatório de notícias falsas para promover o pensamento crítico e a literacia digital em tempos de crise: livro digital para professores e formadores de professores*. <https://doi.org/10.48528/JBW5-0807>

Ennis, R. H. (1996). *Critical thinking*. Prentice Hall.

Ennis, R. (2013). Critical Thinking Across the Curriculum. *Inquiry: Critical Thinking Across the Disciplines*, 28(2), 25–45. <https://doi.org/10.5840/inquiryct20132828>

Fechine, I., & Olinto Deodato, P.G. (2022). Educação midiática: identificando e combatendo informações falsas: Media education: identifying and combating false information. *Rotura - Revista De Comunicação, Cultura E Arte*, 2(2), 67–73. <https://doi.org/10.34623/5p33-5674>

Hobbs, R., & Jensen, A. (2013). The Past, Present, and Future of Media Literacy Education. *Journal of Media Literacy Education*, 1(1), 1–11. <https://doi.org/10.23860/jmle-1-1-1>

House of Commons Digital, C. M. and C. S. (2019). *Disinformation and «fake news»: Final Report Eighth Report of Session 2017-19 Report, together with formal minutes relating to the report The Digital, Culture, Media and Sport Committee*. [www.parliament.uk](http://www.parliament.uk).

Grossi, M. G. R., Leal, D. C. C. C. & Silva, M. F. (2021). Educação midiática, cultura digital e as fake news em tempos de pandemia. *Educação em Revista*, 22(esp2), 179–198.

Nascimento, C. E. G. (2020). Fake News, Mentira Organizada E Educação: Uma reflexão a partir do pensamento de Hannah Arendt. *Revista Docência e Ciberultura*, 4(1), 243–263. <https://doi.org/10.12957/redoc.2020.47553>

Oliveira, B. L. M. (2022). Fake news e o pensamento crítico: pensar criticamente para comprovar a veracidade das notícias. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo), Faculdade Boas Novas, Manaus <https://ri.fbnovas.edu.br/handle/123456789/52>

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2019). *Jornalismo, fake news e desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo* (C. Ireton & J. Posetti, Eds.). UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647?posInSet=2&queryId=a8050576-9941-4456-ae89-db14a68715c2>

Posetti, J., & Matthews, A. (2018). *A short guide to the history of “fake news” and disinformation: a learning module for journalists and journalism educators*. ICFJ - International Center for Journalists. [https://www.icfj.org/sites/default/files/2018-07/A%20Short%20Guide%20to%20History%20of%20Fake%20News%20and%20Disinformation\\_ICFJ%20Final.pdf](https://www.icfj.org/sites/default/files/2018-07/A%20Short%20Guide%20to%20History%20of%20Fake%20News%20and%20Disinformation_ICFJ%20Final.pdf)

Santaella, L. (2019). *A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?*. Estação das Letras e Cores.

Saviani, D. (2011). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações* (11.ª ed.). Autores Associados (Coleção Educação Contemporânea).

Saviani, D. (2019). *Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Autores Associados.

Shao, C., Ciampaglia, G. L., Varol, O., Yang, K., Flammini, A., & Menczer, F. (2017). *The spread of low-credibility content by social bots*. <https://doi.org/10.1038/s41467-018-06930-7>

Silva, O. O. N. da. (2021). O trabalho docente e o enfrentamento das fake news e fake knowledge. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(226), 175–183. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52993>

Silva, O. O. N. da, Ramos, M. D. P., Junior, P. A. dos S., & Santos, K. A. (2023). Dificuldades e possibilidades da educação crítica em tempos de fake news: Uma revisão sistemática. *Revista Docência e Ciberultura*, 7(2), 124–140. <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.67218>

- Silva, R. C. F. da, & Carvalho, J. de S. (2020). FAKENEWS, IMPLICAÇÕES SOCIAIS E URGÊNCIA DO DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO. *Revista da Faculdade de Educação*, 33(1), 155–175. <https://doi.org/10.30681/21787476.2020.33.155175>
- Tandoc, E. C. (2019). The facts of fake news: A research review. *Sociology Compass*, 13(9), e12724. <https://doi.org/10.1111/SOC4.12724>
- Vieira, R. M. (2018). *As comunidades online na promoção do pensamento crítico em didática das ciências*. UA Editora. <https://ria.ua.pt/handle/10773/23996>
- Wardle, C. (2019, Fevereiro 16). *Fake news. It's complicated*. First Draft. <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/>
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *INFORMATION DISORDER : Toward an interdisciplinary framework for research and policy making* *Information Disorder Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. [www.coe.int](http://www.coe.int)
- Xavier, I. C. (2023). Uma análise crítica do papel da escola pública no combate às Fake News. *Revista HISTEDBR On-line*, 23, e023037–e023037. <https://doi.org/10.20396/RHO.V23I00.8670887>
- Zhao, Z., Zhao, J., Sano, Y., Levy, O., Takayasu, H., Takayasu, M., Li, D., Wu, J., Havlin, S., & Sano, and, Y. (2018). Fake news propagate differently from real news even at early stages of spreading. *Cornell University: Physics and Society*. <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1803/1803.03443.pdf>